

EVOLUÇÃO TECTONO-SEDIMENTAR DA SEQUÊNCIA PERMIANO-JURÁSSICA DA BACIA DO PARNAÍBA NA REGIÃO DE ARAGUAÍNA (TO)

André Luis Spisila¹, Fernando Mancini², Eduardo Salamuni², Leonardo Fadel Cury², Francisco J. Fonseca Ferreira², Thais Borba Santos¹

¹ Programa de Pós-graduação em Geologia – UFPR; ² Departamento de Geologia – UFPR

Este trabalho refere-se à análise estrutural e estratigráfica da Bacia do Parnaíba, em sua porção oeste, entre os municípios de Araguaína (TO) e Carolina (MA), em uma área de aproximadamente 10.000 km². São utilizados dados bibliográficos, interpretações de imagens de sensores remotos e descrição de afloramentos. A Bacia do Parnaíba compreende uma área de 600.000 km² e sua origem e evolução estão relacionadas à formação da Plataforma Sul-Americana, através de riftes precursores associados ao Lineamento Transbrasiliano. A bacia apresenta cinco sequências deposicionais, com a sequência siluriana representada pelo Grupo Serra Grande que compreende as formações Ipu, Tianguá e Jaicós, a sequência mesodevoniana-eocarbonífera, denominada como Grupo Canindé, apresenta as formações Itaim, Pimenteiras, Cabeças, Longá e Poti. O Grupo Balsas contém as formações Piauí, Pedra de Fogo, Motuca e Sambaíba, constituindo a sequência neocarbonífera-eotriássica, a sequência jurássica é representada pela Formação Pastos Bons, compreendida entre dois eventos magmáticos, correspondentes as rochas das formações Mosquito e Sardinha, que estão associados à abertura do Atlântico Norte e Sul, respectivamente. A sequência que encerra a deposição da bacia é a cretácea, com as formações Codó, Grajaú, Corda e Itapecuru. A análise de imagens de sensores remotos, realizada em imagens SRTM, CBERs e fotografias aéreas nas escalas 1:800.000 a 1:60.000, com o auxílio de dados geofísicos, permitiu a construção de um arcabouço estrutural da região. Em campo, foi realizado o levantamento de seções estratigráficas em litotipos das formações Pedra de Fogo, Motuca e Sambaíba, além da descrição de rochas ígneas da Formação Mosquito. A partir dos dados de falhas, sistema de juntas, zonas de cisalhamento, bandas de deformação, estrias e degraus, foram desenvolvidas as análises descritivas e cinemáticas, aplicados na análise de paleotensão, que resultaram na diferenciação de 4 fases de deformação distintas. A fase D1 é caracterizada pela deformação penecontemporânea a Formação Pedra de Fogo com transcorrências destrais de direção NW associados à falhas normais, inversas e dobramentos, gerados com a tensão σ_1 com direção N-S. A fase D2 é caracterizada através de bandas de deformação de direção NE, com cinemática destal e sinistral e componente extensional, geradas durante o Triássico. A intrusão das rochas da Formação Mosquito possivelmente está relacionada à fase de deformação D3 que

apresenta caráter distensional de direção E-W e acarreta na geração de falhas normais de direção N-S com componente dextral, associadas a transcorrências sinistrais de direção NE. A última e a mais recente fase de deformação reconhecida na área de estudo, compreende falhas normais e transcorrentes dextrais de direção E-W e falhas transcorrentes dextrais de direção NE, geradas através do σ_1 na posição E-W, e possivelmente está relacionada com a propagação de tensões da subducção Andina.

PALAVRAS CHAVE: ANÁLISE DE BACIAS, PALEOTENSÃO, DEFORMAÇÃO RÚPTIL.